

Macau e a situação futura da Língua Portuguesa

M á r i o F i l i p e

AGORA QUE SE CONSUMOU A TRANSFERÊNCIA DA administração portuguesa de Macau para a República Popular da China, volta a falar-se sobre este território e da presença portuguesa ou, segundo alguns, da falta dela. Um dos pontos que parece despertar maiores paixões (extemporâneas?), é o tema da cultura (parece que a história é mais ou menos consensual, as pedras estão lá, os arquivos também, o futuro da memória aparentemente está assegurado). Os peritos mais pessimistas não auguram, a julgar pelas declarações que sempre surgem nestas alturas na comunicação social, grande futuro à chamada *influência* portuguesa em Macau, à sobrevivência dos aspectos marcantes da *nossa* cultura por aquelas paragens ou, dando uma nota mais intercultural às suas declarações, temem pela sobrevivência do modo de vida «*resultado da convivência de 450 anos entre ocidente e oriente*» em que Macau surge como exemplo paradigmático de um encontro de culturas e do que delas resultou naquele pequeno espaço que a tornou original, única e merecedora de preservação. Da cultura à língua vai um passo e o pessimismo aumenta. Quem é que vai falar português em Macau depois de 20 de Dezembro de 1999? Os mais optimistas preferem perguntar por quanto tempo se falará português em Macau depois da saída da administração portuguesa. A irrelevância destas perguntas é tal que as respostas raramente se ouvem, posto que as perguntas carregam já em si a fatalidade de um – ninguém – ou de um comedido – muito poucos, por pouco tempo.

Sem querer recorrer à história dos últimos 100 anos e particularmente dos últimos 40 anos, para aí encontrar, sem demasiado esforço, várias causas para a situação actual, causas demográficas ou fenómenos migratórios sobejamente estudados e com influência directa numa maior ou menor visibilidade dos falantes maternos de língua portuguesa no Território; sem me perder

na análise da ausência ou não de políticas linguísticas para o território no que respeita ao uso, aprendizagem, ensino, difusão da língua portuguesa, relevaria antes o esforço real levado a cabo desde meados dos anos 80 para finalmente levar o ensino do português como língua estrangeira à comunidade de língua materna chinesa do Território.

Neste momento, importa antes do mais ter consciente que, no que respeita à continuidade da língua portuguesa em Macau, existem dois vectores que há que ter em conta:

- O português como língua materna;
- O português como língua estrangeira.

Talvez seja necessário afirmar desde já o óbvio para lembrar que nenhuma língua resiste artificialmente. Se deixa de ter função, se aos homens deixa de ser útil, extingue-se com o último dos seus falantes e às vezes antes dele. A língua comporta-se assim como um organismo dinâmico, vivo. Tem o seu tempo de vida útil e, cumprido o seu ciclo, não há panaceia que a faça sobreviver. Acontece porém que enquanto os seus falantes maternos entenderem que a *sua língua* é uma das marcas da sua identidade e de reconhecimento da sua comunidade, a par das suas outras tradições, mantiverem a vontade e sentirem a necessidade de nela se exprimirem como forma de identificação e afirmação cultural e social, o que, nesta altura, abrange cerca de 1,8% dos habitantes de Macau, não haverá que temer. Nenhuma língua desaparece por decreto. Parece até, a dar crédito aos exemplos que abundam no mundo, que tem tendência a fortalecer-se quando tem de se defender. Sem querer apontar exemplos de comunidades linguísticas não lusófonas que resistiram ou que souberam preservar as suas línguas e identidade próprias, lembro apenas a situação de Malaca, onde uma pequena comunidade que se identifica como «os portugueses de Malaca», soube preservar a sua língua e encontrou formas de sobreviver a

350 anos de condições linguística e economicamente desfavoráveis, sem se deixar diluir. Não é certamente o português que é o nosso aquele que se fala hoje no Bairro português de Malaca. Mas é o seu *Papiá Cristã*, o que lhes dá o sentimento de pertença.

Não quer isto dizer que nada devamos fazer e que sejamos apenas observadores ou nem isso (esse era o velho hábito e não devemos forçar a sorte demasiadas vezes). Pelo contrário, devemos ser agentes facilitadores e tentar assegurar, através da criação de condições objectivas, que o processo vital ao seu desenvolvimento e evolução não sofra estrangulamentos desnecessários, antes encontre razões para se fortalecer. Vai nesta linha o assegurar aos falantes que em Macau têm a língua portuguesa como língua materna ou língua segunda, ao nível da formação escolar, a continuidade do Liceu de Macau, para além de 1999 (refira-se que este ano lectivo conta com 950 alunos matriculados). Aliás, seria inadmissível outra situação, pois entendo que enquanto houver interesse e manifesta vontade por parte destes macaenses, em se reivindicarem de matriz linguística portuguesa e em manterem os seus laços culturais e linguísticos com o espaço lusófono, eles devem ser apoiados.

O segundo vector acima referido refere-se ao português enquanto língua estrangeira. Este deve visar um universo de potenciais aprendentes mais alargado da população de Macau em que a comunidade luso falante se insere. Aqui atrevo-me a dizer que hoje há mais falantes de português língua estrangeira em Macau entre os membros da comunidade de língua materna chinesa do que alguma vez houve, pelo simples facto de hoje existirem escolas onde esta comunidade aprende português, o que era inimaginável há apenas 20 anos. São muitos, são poucos, são aqueles que o desejam fazer. Sejam claros, no futuro serão tantos quantos uma estratégia de difusão da língua for capaz de



O futuro da memória da presença portuguesa em Macau aparentemente está assegurado: as pedras estão lá, os arquivos também. O pessimismo aumenta, no entanto, quando se fala no futuro da Língua Portuguesa...

trazer à aprendizagem do português. Caso se saiba dar boas razões que levem a comunidade de língua chinesa de Macau a continuar a interessar-se pela língua e cultura portuguesas; se se conseguir mostrar aos habitantes de Macau que conhecer a nossa cultura e língua é poder conhecer melhor Macau e as suas especificidades, é contribuir para reforçar e enriquecer a identidade da Região Administrativa Especial de Macau no seio da República Popular da China. Da mesma forma, a comunidade luso falante deve aprender chinês por forma a reforçar a sua condição de membros da comunidade maior que é a população de Macau. Se soubermos apresentar a língua portuguesa como uma língua de comunicação internacional, facilitadora de contactos num espaço alargado de 200 milhões de falantes em quatro continentes e, em resultado desta realidade, promover, por exemplo, o português como língua de negócios no espaço lusófono, neste contexto poderemos enfim fazer com que ela possa ser vista como geradora de uma mais valia no mercado de trabalho, tal como sucede com outras línguas internacionais.



«A manutenção do português como língua materna (e até como língua segunda) em Macau é, em grande medida, uma questão de afectos e de vontade dessa comunidade».

Fotografia de Jean Doat.

Servem estas linhas para dizer que sem sermos exuberantes devemos afastar-nos de posições pessimistas que, por vezes, mais se confundem com desejos fatalistas de algum masoquismo miserabilista, do que com razões que à língua dizem respeito. A língua portuguesa poderá, segundo o que a declaração conjunta

consagra, ser utilizada em Macau durante os próximos 50 anos. Independentemente do entendimento que se possa ter sobre a aplicabilidade desta disposição, cabe-nos criar condições para tirar partido desta realidade. Se é certo que a manutenção do português como língua materna (e até como língua segunda) em



Macau é, em grande medida, uma questão de afectos e de vontade dessa comunidade, que deve ser apoiada à medida e na medida do que for desejado por esses falantes; a difusão da cultura e da língua portuguesa como língua estrangeira em Macau é uma questão de estratégia e de política linguística, não é, nem pode ser, um problema de nostalgias, que me abstenho de adjectivar. O que é necessário saber neste domínio, é se existe espaço para o português língua estrangeira em Macau ou não. A não haver, deveria equacionar-se se no âmbito específico do Território e dentro dos interesses estratégicos de Portugal, no quadro definido por uma política linguística global, seria do nosso interesse investir na promoção e difusão do português nesta zona do mundo de modo a criar esse espaço. No entanto, e no caso em apreço, a nosso favor temos a realidade dos últimos 15 anos que mostra que existe espaço próprio para a língua portuguesa em Macau. Existem alunos, têm existido professores. As escolas e os centros de língua para o seu ensino também. Estas estruturas, adaptando-se à nova realidade, devem continuar a existir.

Criem-se, pois, condições para que o português continue a ser uma opção atraente para a comunidade chinesa. Tire-se proveito do esforço que a Administração de Macau tem feito para levar o português às escolas chinesas e da sensibilização que aí tem sido levada a cabo por professores devidamente preparados, quer locais (que têm vindo a ser formados ao longo desta década e nos quais se deve apostar cada vez mais, actualizando e melhorando de forma continuada a sua formação) quer requisitados. Esta sensibilização tem permitido aos jovens estudantes de Macau um contacto com a língua portuguesa que devemos agora aproveitar. Neste sentido, e porque este aspecto da adopção de estratégias realistas deve ser fundada na análise dos factos e não no desapontamento ini-

cial daqueles que desconhecendo a realidade, ficam estupefactos por não encontrarem facilmente um taxista que fale português e os leve na «língua de Camões» do aeroporto até ao hotel (curiosamente já não se admiram tanto quando, passadas as Portas do Cerco, encontram nas lojas e no mercado local, chineses que se nos dirigem dizendo palavras em português. O comércio sempre foi um grande motor de aprendizagens linguísticas por mais básicas que pareçam). Na verdade, a questão do português língua estrangeira em Macau e na zona envolvente depende em boa medida de nós, dos objectivos que Portugal delinear para aquela área do globo, da mesma forma que são definidos objectivos para outras áreas que são consideradas importantes para a visibilidade de Portugal no mundo através da sua língua e cultura, no quadro de uma determinada política linguística.

Se se entender do que aqui fica escrito, uma perspectiva algo optimista quanto à situação da língua portuguesa em Macau, não se andarão longe da verdade (já que é certo que não partilho as abordagens apocalípticas). Preferia, talvez, que da leitura deste texto ficasse evidente que se trata tão-só de um olhar sem emoções, que em nada ajudam ao discernimento e à clareza de raciocínio. É meu desejo que nestas linhas se leia claramente que Macau, pela sua história e pelos homens que a fizeram, não pode ser encarada, pelo menos no que à questão linguística diz respeito, da mesma forma ou pela mesma perspectiva que outros espaços lusófonos. Aqueles tiveram condições para o desenvolvimento da língua que são estranhos à realidade de Macau e que, acima de tudo, é tendo uma visão para o futuro e não repisando o passado, ou prendendo-se nele, que se pode construir um projecto que permita à cultura e língua portuguesas permanecer e fortalecer-se naquela região do Globo.